



TRABALHO, RELIGIÃO E JUSTIÇA: UM ESTUDO DO POEMA “OS TRABALHOS E OS DIAS” DE HESÍODO

WORK, RELIGION AND JUSTICE: A STUDY OF THE POEM “WORKS AND DAYS” BY HESIOD

LAVORO, RELIGIONE E GIUSTIZIA: UNO STUDIO DELLO POEMA “LE OPERE E I GIORNI” DI ESiodo

Jarbas Mauricio Gomes¹

<http://orcid.org/0000-0001-8734-4727>

Instituto Federal de Alagoas (Ifal), ProfEPT, Penedo, Alagoas, Brasil

RESUMO

O texto apresenta os resultados de uma pesquisa exploratória sobre o poema **Os trabalhos e os dias** de Hesíodo que investigou a gênese do processo de transição do discurso mítico-religioso para a racionalidade filosófica. O poema é um ponto de inflexão que marca o abandono das tradicionais narrativas da história dos deuses e dos heróis em favor da narrativa do cotidiano, das relações sociais e políticas e da relação do homem comum com a natureza por meio da vida no campo. Diante de uma sociedade decadente, dada a riqueza fácil, e em uma época em que o trabalho era um castigo imposto aos homens pelos deuses, Hesíodo coloca em evidência a ação do homem e suas consequências. Por isso criticou a ideia de justiça dos deuses e imputou aos homens a responsabilidade de promover ou não a justiça. Do mesmo modo, ressignificou o conceito de trabalho e o apresentou como um modo de vida honrado e honesto, pautado na capacidade humana de observar, interagir, dominar e transformar a natureza. Assim entendido, o trabalho passou a figurar como meio de criação das condições necessárias à existência humana, um princípio formativo e um meio de emancipação do homem diante da vontade dos deuses.

Palavras-chave: Hesíodo. Os trabalhos e os dias. Trabalho. Justiça.

ABSTRACT

*The text presents the results of an exploratory research on the poem **Works and days** of Hesiod that investigated the genesis of the transition process from mythical-religious discourse to philosophical rationality. The poem is a turning point that marks the abandonment of the traditional narratives of the history of the gods and heroes in favor of the narrative of everyday life, social and political relations and the relationship of the common man with nature through life in the countryside. Faced with a decadent society, given the easy wealth, and at a time when work was a punishment imposed on men by the gods, Hesiod highlights the action of man and its*

¹Doutor em Educação pela UFSCar. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Alagoas. Endereço para correspondência: Rua Sândalo, 486. Lot. Monte Rey. Bairro Dom Constantino, Penedo-AL, Cep. 57200-000. E-mail: jarbas.gomes@ifal.edu.br.

consequences. That is why he criticized the idea of justice by the gods and imputed to men the responsibility of promoting or not promoting justice. In the same way, he redefined the concept of work and presented it as an honorable and honest way of life, based on the human capacity to observe, interact, dominate and transform nature. Thus understood, work came to figure as a means of creating the necessary conditions for human existence, a formative principle and a means of emancipation of man in the face of the will of the gods.

Keywords: *Hesiod. The works and the days. Work. Justice.*

RIASSUNTO

*Il testo presenta i risultati di una ricerca esplorativa sul poema **Le opere e i giorni** di Esiodo, che ha indagato la genesi del processo di transizione dal discorso mitico-religioso alla razionalità filosofica. Il poema è un punto di svolta che segna l'abbandono delle narrazioni tradizionali della storia degli dei e degli eroi a favore di una narrativa quotidiana dei rapporti sociali e politici e del rapporto dell'uomo comune con la natura attraverso la vita in campagna. Di fronte a una società decadente, data la facile ricchezza, e in un'epoca in cui il lavoro era una punizione imposta agli uomini dagli dei, Esiodo mette in luce l'azione dell'uomo e le sue conseguenze. Ecco perché ha criticato l'idea della giustizia degli dei e ha accusato gli uomini della responsabilità di promuovere o meno la giustizia. Allo stesso modo, ha ridefinito il concetto di lavoro e lo ha presentato come uno stile di vita onorevole e onesto, basato sulla capacità umana di osservare, interagire, dominare e trasformare la natura. Così inteso, il lavoro si configura come mezzo per creare le condizioni necessarie all'esistenza umana, principio formativo e mezzo di emancipazione dell'uomo dalla volontà degli dei.*

Palabras clave: *Esiodo. Le opere e i giorni. Lavoro. Giustizia.*

Introdução

A passagem do discurso mitológico para a racionalidade é um tema que está situado na gênese da cultura ocidental (JAEGER, 2003). Entendido também como o processo de emancipação do homem diante da vontade dos deuses e do destino, essa questão tem sido explorada pelo campo de estudos dos fundamentos históricos e filosóficos da Educação. Não raro, os estudos recaem para a Paidéia, a experiência educativa grega e com ela voltam-se para os escritos homéricos. Foi, também, o campo da educação que se aproximou com maior intensidade dos escritos de Hesíodo, e em especial do poema *Os trabalhos e os dias*.

Um levantamento preliminar no Portal de Periódicos da Capes, e outras bases indexadoras como *Scielo* e *Dialnet*, dentre outras, evidenciou que existem poucos estudos e publicações sobre Hesíodo e que a maioria dos pesquisadores se interessa pela *Teogonia*, cuja narrativa se aproxima daquela praticada por Homero e se fixa na narrativa da genealogia dos deuses, de seus feitos e da relação entre heróis e deuses. Olhando para dois campos de estudos, a filosofia e a educação, chega-se a identificação de que poucos estudos são dedicados ao texto *Os trabalhos e os dias*, cuja maior

parte é do campo da educação e, em contrapartida, os estudos filosóficos, e até os literários, têm evidenciado uma predileção pela *Teogonia*.

Uma possível explicação para tal fenômeno é decorrente da posição, às vezes extremada, assumida pelos Departamentos de Filosofia mais tradicionais do Brasil. Eles defendem que o estudo dos autores clássicos deve ser realizado pela leitura direta na língua original, no caso o grego. Tal posição, que é válida, configura-se como um entrave para os estudos sobre o período arcaico, pois no Brasil são poucas as oportunidades de estudar latim e grego. Assim, quando há um especialista que domina o grego e se interessa pelo período arcaico, em geral pela mitologia, os esforços são dirigidos para a *Teogonia* ou para Homero. Diante disso, não se pode deixar de reforçar o pressuposto de que é possível produzir boas leituras e análises a partir das traduções disponíveis, em especial nos estudos exploratórios e de aproximação.

A escolha de ler os clássicos é decorrente da perspectiva de que o contato com os textos antigos, arcaicos, nos permite refazer o caminho e seguir a fundação da racionalidade que, intuitiva nas primeiras construções filosóficas do período pré-socrático, foi recebendo forma e estrutura nos discursos socráticos e nas formulações da dialética platônica e da lógica aristotélica. E por que retroceder ao período anterior ao “alvorecer da filosofia”? Porque, ao que indica, este movimento em direção à racionalidade filosófica é mais antigo. Já em Hesíodo, um poeta do período anterior à filosofia pré-socrática, um arauto das musas, um profeta que enuncia o mito, é possível encontrar os rudimentos da racionalidade em formulações que circunscrevem uma teoria da justiça cuja formulação mais elaborada é a ética aristotélica (LAFER, 2006).

A perspectiva de que a origem do logos, isto é, da racionalidade, está ligada ao discurso mítico foi demonstrada por Jean Pierre Vernant (2002) no livro *As origens do pensamento grego*. Para o autor, a racionalidade grega é produto das relações sociais e nasceu com a formação de uma nova organização social de natureza urbana. Movimento que se estabeleceu quando a religião e a mitologia características do mundo micênico, em um movimento de negação, continuidade e ruptura, cederam lugar ao pensamento racional e à filosofia como instrumento de explicação da realidade, da existência e da transformação. O interesse de Hesíodo pelas coisas humanas, dentre elas os problemas de ordem política, social e econômica tendem a confirmar as proposições de Vernant (2002).

Hesíodo é o contraponto dialético de Homero, cujos heróis da narrativa eram a nobreza aristocrata urbana (GOERGEN, 2006). Nas palavras de Jaa Torrano (2007), Hesíodo tematiza o “seu aqui e agora” em um momento em que a administração da justiça não se limitava ao ato cívico, mas era dotada de um caráter religioso e mágico, condição que não permitia distinguir a ordem social da ordem natural. Por isso afirma-se que *Os trabalhos e os dias* é um texto intrigante no qual

o poeta, embora considere a relação entre homens e deuses, fala da justiça e do trabalho tendo como referência as ações humanas. Entretanto, mesmo se encaminhando para a construção de uma explicação racional, há um limite, e Hesíodo não abandona ou supera os aspectos míticos e místicos característicos das explicações da realidade de seu tempo.

Por isso o poeta se situa em uma condição ímpar, entre a tradição e a inovação, como enfatizou Luis S. Krausz (2007). Tal perspectiva se manifesta quando, ao tratar de decadência humana ao longo das eras, afirma que foram as musas que lhe concederam o dom da canção e da profecia, mas mesmo invocando a autoridade das musas alerta que elas mentem. E, por isso, reafirma que sua tarefa é a busca pela verdade². É, então, que se dedica a pensar a vida no campo e a sua organização, a defender que a justiça e a honra são conquistas do homem, resultado de suas ações, fruto do trabalho humano. Tendo em vista esse ponto de inflexão, o presente texto apresenta os resultados de uma pesquisa exploratória sobre o poema *Os trabalhos e os dias* de Hesíodo que investigou a gênese do processo de transição do discurso mítico-religioso para a racionalidade filosófica, tendo como ponto de partida as reflexões hesiódicas sobre o trabalho, a religião e justiça.

O Autor e o Poema

Tornou-se comum que, ao tratar do pensamento de um autor, sejam apresentados os seus dados biográficos. No caso de Hesíodo, geralmente essas informações se reduzem a uma única frase: foi um poeta grego que viveu na Beócia, provavelmente entre o final do século VIII ou o começo do século VII a.C. A falta de dados é um fenômeno comum a maior parte dos pensadores antigos, em especial aqueles do período arcaico. Contudo, desperta a atenção a existência de afirmações recorrentes de que Hesíodo provavelmente foi uma figura histórica real e, diferente daquilo que é afirmado de Homero, um homem que viveu num determinado tempo e num determinado espaço geográfico, a Beócia.

Considerando a premissa de que Hesíodo era um homem real, temos informações de que ele era um homem do campo, que tinha um irmão de nome Perses com quem teve uma série de desentendimentos em função da divisão da herança paterna, motivo pelo qual teria escrito o poema sobre o trabalho e a justiça (LAFER, 2006). Quanto à produção teórica que é atribuída a Hesíodo, são conhecidos quatro textos. São eles: a) *Teogonia: a origem dos deuses*; b) *Os Trabalhos e os dias*; c) *Catálogo das mulheres* e, d) *Escudo*. Em relação aos dois últimos ainda pairam dúvidas sobre a autoria e se são mesmo do autor (ADRADOS, 2001).

² No texto “Mito e verdade em Hesíodo e Platão” Jaa Torrano (1998) trata dessa problemática e apresenta a seguinte conclusão: como arautos da verdade, as musas sabiam dizer muitas mentiras!

Em relação à vida do poeta beócio, Maria Antonia Corbera Lloveras (1990) inicia a introdução de sua tradução dos escritos de Hesíodo afirmando que quase todos os dados que possuímos pertencem ao domínio das lendas e indica que é nas próprias obras do poeta que podemos colher informações. Sabe-se que o pai de Hesíodo vivia em Cime, colônia eólica da Ásia Menor e que ele havia enriquecido dedicando-se ao comércio marítimo. Como comerciante, atravessou o mar Egeu e se estabeleceu na Beócia. Embora especule-se que naufrágios levaram o pai de Hesíodo a abandonar a atividade mercante, sabe-se apenas que ele se estabeleceu na aldeia de Ascra, situada aos pés do monte Helicom, onde comprou uma pequena propriedade e se dedicou a trabalhá-la (LLOVERAS, 1990).

A partir do verso 630 de *Os trabalhos e os dias*, Hesíodo fala sobre o pai:

Então arrasta a rápida nau para o mar, e dentro a carga adequada dispõe, para que leves lucro para casa – assim meu e teu pai, ó Perses, seu grande tolo, necessitando de um bom sustento, costumava navegar em barcos.

Um dia aqui chegou, depois de cruzar muito mar, (635) deixando a eólia Cime numa nau negra, não para fugir à abundância, à riqueza, à prosperidade, mas sim à pobreza má, que Zeus dá aos homens. Veio morar perto do Hélicon, num vilarejo miserável, Ascra, ruim no inverno, difícil no verão, nunca boa (640) (HESÍODO, 2012, p. 125).

Como deixa evidente a narrativa, foi em função das ações divinas, da mão malvada de Zeus, que o pai de Hesíodo migrou para Ascra. Em função disso, nosso poeta viveu sua juventude como um pastor nas montanhas e se tornou um agricultor ao receber de herança uma pequena propriedade da terra que passou a cultivar. Seu mundo era o dos pequenos agricultores que, livres, tinham que trabalhar duro para sobreviver. A passagem evidencia que ele não romantizava a vida no campo, afinal a região em que vivia nunca era boa, “ruim no inverno, difícil no verão”.

Hesíodo se dirige ao irmão, Perses, qualificando-o como “grande tolo”. Todo o poema é dedicado ao irmão, não porque ele é tido em grande estima, mas, ao contrário, porque Hesíodo estava profundamente magoado com aquele que tentara e conseguira lhe roubar parte da herança paterna. Essa problemática, ou direcionamento do poema, aparece logo no início do texto, no verso 9, ao final da invocação inicial, quando o poeta clama a Zeus para que endireite as sentenças ao ouvir o apelo proferido pela invocação das musas. Mas Hesíodo não deixa tudo a cargo do poderoso deus, pois no verso seguinte revela que sua vontade era dizer a Perses algumas verdades.

O poema *Os trabalhos e os dias* é constituído de 823 versos e foi escrito por volta do século VII a.C. O título original, em grego, é *Erga kai hemerai*, por isso na literatura especializada é comumente tratado apenas como *Erga*, palavra grega que designa a noção de trabalho. A leitura de diferentes comentários sobre o trabalho de Hesíodo permitiu identificar que alguns autores

classificam este texto como um cântico. Optou-se, no entanto, por seguir as indicações que o tratam como poema.

A literatura em geral considera que todo o conteúdo do poema é de autoria de Hesíodo, há quem contradiga este argumento afirmando que as partes finais do texto que tratam dos dias e de indicações práticas não seriam de autoria do poeta e sim inserções posteriores. Fato é que o texto tem uma estrutura que se interliga e permite entrever a organicidade geral das partes da poesia.

Os estudiosos costumam dividir o poema tradicionalmente em cinco partes:

- I) proêmio e relatos míticos (v. 1-382);
- II) o trabalho agrícola (v. 383-617);
- III) a prática da navegação (v. 618-694);
- IV) conselhos diversos (v. 695-764); e,
- V) os dias (v. 765-828)

Essa divisão não é unânime (ADRADOS, 2001), mas é bem representativa do poema. Outra possibilidade de divisão do poema o separa em três partes:

- I) Proêmio;
- II) Corpo do Poema;
- III) O catálogo das mulheres e o escudo.

Nesta divisão, faz-se necessário observar a segunda parte, o corpo do poema, com mais atenção. Pois este pode ser dividido em nove (09) seções. Sendo elas:

- a) mito das duas lutas (versos 11 a 41);
- b) mito de prometeu e pandora (versos 42 a 105);
- c) mito das cinco raças (versos 106 a 201);
- d) fábula dos reis (versos 202-285);
- e) exortações sobre o trabalho, ética do trabalho (versos 286 a 382);
- f) calendário agrícola (versos 383 a 671);
- g) trabalhos de navegação (versos 618 a 694);
- i) exortações sobre o matrimônio e religião (versos 694 a 764);
- j) os dias (versos 765 a 828).

As divisões variam de acordo com o interesse de cada estudo ou pesquisador, mas o que não varia é que existem três seções bem distintas: 1) a introdução, chamada de proêmio onde o autor invoca a autoridade das musas; 2) as narrativas mitológicas; e, 3) as orientações sobre o trabalho e a organização da vida social. É na transição do discurso da segunda para a terceira parte que se encontram rudimentos teóricos de uma tentativa de racionalização da realidade.

Na transição do discurso mítico-religioso para a reflexão sobre o cotidiano e as ações dos homens e suas consequências é que se torna perceptível o processo de racionalização que Hesíodo fez sobre temas como o trabalho, a justiça e a relação do homem com os deuses, entendida aqui

como religião. A relação dos homens com a vontade dos deuses é o amálgama de todo o poema e o elemento basilar do discurso. Discurso este que parte dos mitos e da linguagem mítica-religiosa para, movido pela busca pela justiça, ensaiar uma mudança radical na relação do homem com as divindades e que se materializa em uma nova compreensão da concepção de trabalho e da relação do homem com a natureza.

Assim, *Os trabalhos e os dias* deixa de ser um poema cuja narrativa predominante é o discurso mitológico, como a *Teogonia*, visto que ele abre espaço para a reflexão da ação autônoma do homem ao cuidar da terra, ao planejar as suas ações seguindo as observações da natureza. Por outro lado, o poema não é simplesmente um texto técnico de agricultura ou um manual de economia. Nele os anseios do autor estão manifestados e a vontade divina é apresentada ao mesmo tempo em que o protagonismo do homem na construção de sua própria vida é exaltado. Desse modo, o texto configura-se como uma peça educativa, um instrumento formativo que oferece aos leitores, para a humanidade, uma forma emancipada de compreender a realidade e operar sobre ela.

A concepção de mundo mítico-religiosa e a influência dos deuses sobre a ação humana

Como apresentado acima, o poema *Os trabalhos e os dias* traz em sua estrutura ao menos três mitos: a) mito das duas lutas (versos 11 a 41); b) mito de prometeu e pandora (versos 42 a 105); c) mito das cinco raças (versos 106 a 201). Essas narrativas, assim como o próêmio onde Hesíodo invoca as musas para delas receber a autoridade de arauto da verdade e da vontade dos deuses, demarcam o momento/período histórico ao qual o autor é tributário: o período arcaico, mitológico.

A narrativa mítica é, na prática, a expressão da forma de pensar do período. Ela concebe a vontade dos deuses como causa de tudo o que acontece no mundo e se configura como mediadora da relação do homem com os deuses. Trata-se de uma concepção de mundo cuja essência da narrativa está ancorada na influência da vontade dos deuses sobre a ação do homem e sobre o movimento da natureza. Por isso, pode-se denominá-la de mítico-religiosa e ela é a concepção que medeia a reflexão de Hesíodo. É, também por isso, que ele retoma os mitos, a história dos homens contada a partir da vontade dos deuses. Nesse sentido, como já apontou Eliade (2002), os mitos sempre narram uma história sagrada, ocorrida nos primórdios do tempo, no fabuloso princípio de tudo.

Parece ser neste sentido que Hesíodo usa o mito das duas lutas. Ele parte da concepção de mundo mítico-religiosa, portanto sagrada, para apresentar ao irmão Perses o caminho ideal a ser trilhado pelo homem para que este alcance o bem e a felicidade. Assumida enquanto uma concepção de mundo, a narrativa nos apresenta que no início houve o nascimento de duas lutas, isto

é, de duas formas ou estilos de vida: uma louvável e a outra, digna de censura, é má e causa de guerras e disputas.

Hesíodo, entretanto, não apresenta a narrativa mítica como outros autores, dentre eles Homero. Ele insere em meio a narrativa mítica a sua própria narrativa e usa o discurso mítico-religioso para chamar a atenção do irmão, para educá-lo e repreendê-lo diante de sua conduta, de seu estilo de vida censurável.

Ó Perses, coloca essas coisas no teu espírito, e que a Luta que se compraz no mal não te afaste do trabalho para assistir a litígios, atento aos discursos da praça pública.

Na verdade, litígios e discursos pouco importam (30) a quem não possui em estoque sustento abundante colhido no tempo certo, os frutos de Deméter, que a terra traz [...].

Não te será possível, contudo, uma segunda vez assim agir, mas, sem mais, decidamos nosso litígio (35) com julgamentos justos, que vêm de Zeus, os melhores.

Pois de fato já tínhamos dividido a herança, e tu muitas outras coisas agarravas e levavas, prestando grandes honras aos reis devoradores de presentes, que se dispõem a dar esse veredicto (HESÍODO, 2012, p. 63).

Em tela está um problema prático e pessoal para Hesíodo: a divisão da herança paterna, em cujo processo o irmão, em conluio com representantes do sistema jurídico de seu tempo, lhe roubara. O poeta, não podendo confiar na justiça dos homens, apela para a justiça que vem dos deuses, em especial de Zeus que, vendo e ouvindo, “com justiça endireita as sentenças”. Mas esse não é um apelo de quem confia cegamente na justiça dos deuses. Ao contrário, é um discurso que evidencia a ação humana e condena a tentativa de creditar à vontade e à justiça dos deuses os descaminhos das ações e das escolhas humanas.

Na apresentação da boa luta, do modo de vida louvável, Hesíodo ancora-se na narrativa mítico-religiosa, apoia-se na vontade e na ação dos deuses, mas coloca nas mãos dos homens a possibilidade de extrair da terra a riqueza escondida lá pelos deuses. Esse esforço, o trabalho, é o elemento que fortalece o homem e torna o seu estilo de vida louvável. Mas não é qualquer trabalho, é o trabalho do campo, o cultivo da terra, pois “[...] Zeus sentado em alto trono, habitante do éter, colocou-a [a vida louvável] nas raízes da terra; é bem melhor para os homens: ela leva ao trabalho mesmo a pessoa sem meios” (HESÍODO, 2012, p. 63).

Na busca por justiça e na defesa de um modo de vida ligado ao trabalho e a vida no campo, Hesíodo se vale da concepção mítica-religiosa de mundo, mas ressignifica aspectos centrais da narrativa, como é o caso do trabalho que é apresentado nos mitos como um fardo que o homem precisa carregar. Fato que está nas origens da humanidade e que em parte é apresentado pelo mito de Prometeu e Pandora.

É que os deuses mantêm escondido dos humanos o sustento. Pois senão trabalharias fácil, e só um dia, e, mesmo ocioso, terias o bastante para o ano.

Logo colocarias o timão sobre a lareira, (45) os trabalhos dos bois e das mulas incansáveis desapareceriam. Mas Zeus escondeu-o, encolerizado em seu coração, porque o enganara Prometeu de curvo pensar.

Por isso maquinou amargos cuidados para os humanos, e escondeu o fogo. Por sua vez, o bom filho de Jápeto [Prometeu] (50) roubou-o do sábio Zeus para dá-lo aos humanos numa férula oca, passando despercebido a Zeus a quem alegre o trovão (HESÍODO, 2012, p. 65).

Hesíodo não se desvincula do discurso mítico-religioso, por isso descreve as amargas maquinações de Zeus e dos deuses, entre as quais estava a sedutora Pandora que foi entregue a Epimeteu que a aceitou sem ponderar nas advertências de Prometeu.

Depois, quando completou o irresistível profundo engano, [Zeus] o Pai enviou a Epimeteu o célebre matador de Argos, o rápido emissário dos deuses, levando o presente [Pandora].

E Epimeteu não (85) pensou no que lhe dissera Prometeu: nunca um presente aceitar de Zeus olímpio, mas mandar de volta, para que não venha a ser um mal para os mortais.

Mas ele, depois de o receber, bem quando tinha o mal, compreendeu.

Antes, de fato, as tribos dos humanos viviam sobre a terra (90) sem contato com males, com o difícil trabalho ou com penosas doenças que aos homens dão mortes.

{Rapidamente em meio à maldade envelhecem os mortais} (HESÍODO, 2012, p. 65-66).

A principal consequência do castigo imposto ao homem foi a degradação da humanidade. Por outro lado, há a ênfase na ação humana, fica claro que foi o homem quem aceitou, mesmo sendo advertido para não fazê-lo. Mesmo quando concebe a degradação das narras, apresentada como consequência da vontade dos deuses de vingar-se dos homens, como narrado no mito das cinco raças, Hesíodo concebia que a decadência humana era resultado das escolhas humanas que, ao longo do tempo, fugindo do jugo pesado imposto pelo trabalho as escolhas dos mortais por uma vida fácil, seguindo por um estilo de vida condenável causou a degradação das raças. Para o poeta, o seu tempo era o tempo da raça de ferro, a mais corrompida de todas as eras.

Que eu não mais fizesse parte então da quinta raça de homens, mas tivesse morrido antes ou nascido depois. (175)

Pois a raça agora é bem a de ferro. Nem de dia terão pausa da fadiga e da miséria, nem à noite deixarão de se consumir: os deuses lhes darão duras preocupações.

Mas mesmo para tais homens não de se misturar bens aos males (HESÍODO, 2012, p. 81).

Se o esforço empreendido para sobreviver diante da fadiga e da miséria que não dão pausa ao homem é o indício de como o trabalho, a produção da própria existência, figura como um castigo imposto aos homens pelos deuses, Hesíodo apresenta na mesma seção um contraponto. Diante da vingança dos deuses que desejam punir os homens com todos os males que mais poderia haver, o poeta começa uma inflexão ao ponderar que mesmo para os homens da quinta raça, herdeiros históricos do castigo divino, o bem, ou seja, as bênçãos divinas se farão presentes, mesmo que misturada aos males.

Esta inflexão demarca o início da passagem do discurso mítico-religioso, do clamor aos deuses pela justiça para a tentativa racional de compreender o trabalho e as suas duras penas como meio para religar o homem aos deuses e retornar ao primeiro estágio das raças, a raça de ouro.

[...] como deuses viviam, o coração sem cuidados, sem contato com o sofrimento e a miséria. Em nada a débil velhice estava presente, mas, sempre iguais quanto aos pés e as mãos, alegravam-se em festins, fora de todos os malos e morriam como que vencidos pelo sono.

Tudo o que é bom possuíam: a terra fecunda produzia seu fruto espontaneamente, muito de bom grado. Eles, voluntária e tranquilamente repartiam os trabalhos, tendo bens abundantes (HESÍODO, 2012, p. 74).

A inflexão apresentada em *Os trabalhos e os dias* demarca o tom da sátira aos reis corruptos que se vendem por presentes, expressa pela fábula do falcão e do rouxinol. Esta é uma oportunidade que Hesíodo usa para empreender sua tarefa de educar o irmão, de convencê-lo a seguir um estilo de vida louvável e mediado pelo trabalho, não entendido mais como um castigo que forçaria o homem a negar o trabalho, ou seja, recusar-se a sofrer o castigo e ludibriar os deuses.

Na medida em que Hesíodo vai se desvencilhando das explicações e justificativas mítico-religiosas, da concepção de mundo até então predominante, aborda a questão da justiça não mais como ato divino, mas como resultado da ação praticada pelos homens. Por isso mesmo, defende a retidão das sentenças e enfatiza que é a partir de uma vida justa e reta que o homem goza das benesses ao colher o fruto do seu trabalho.

[...] jamais aos homens de retas sentenças acompanham a Fome (230) e o Desvario; em festins eles repartem os frutos de seus trabalhos.

Para eles a terra produz meios de vida abundantes; nas montanhas o carvalho produz, no alto, a glande, e, no meio, abelhas; as ovelhas de espesso tosão ficam carregadas de lã.

As mulheres geram filhos semelhantes aos pais; (235) prosperam continuamente com bens; e em naus não partem: a terra fecunda produz seu fruto (HESÍODO, 2012, p. 87).

Ao discursar para o irmão, Hesíodo promove uma inflexão na forma de compreender o trabalho e a relação do homem com a natureza. Inicialmente apresentado pelo discurso mítico-religioso, o trabalho figura como o castigo imposto aos homens pelos deuses. Os deuses não impõem o trabalho ao homem, mas a noção de castigo, como apresentada no mito de Prometeu e Pandora, tende a afastar do homem o desejo pelo trabalho e, conseqüentemente, impede que a humanidade se transforme e se desenvolva. Hesíodo apresenta para o irmão uma nova concepção de trabalho, uma na qual o trabalho não é concebido como castigo, mas como fonte de benesses e riquezas e que, diante da dificuldade de se desvencilhar da concepção de mundo mítico-religiosa, usa a figura dos deuses para legitimar a aproximação do homem com a terra e com a natureza em uma relação de observação, respeito, domínio e transformação. Afinal, a “terra fecunda produz”, porque é abençoada pelos deuses, que abençoam também o homem que trabalha. Assim, *Os*

trabalhos e os dias promove uma inflexão em direção à uma concepção de mundo que, mesmo não abandonando a narrativa mítico-religiosa, inaugura uma nova forma de conceber o trabalho.

A narrativa do cotidiano: justiça e trabalho

O ponto de inflexão se consolida na medida em que Hesíodo começa a sistematizar uma narrativa sobre a ação humana cotidiana. Ele se fundamenta na observação da natureza e apresenta indicações práticas sobre o trabalho, a navegação, o cultivo da terra e a vida em família.

A primeira seção da narrativa do cotidiano é, na prática, a construção de uma ética do trabalho, com exortações práticas e diretivas morais para a organização da vida. Logo no início, reaparece a noção de trabalho acompanhada da exortação de que vida louvável não é obtida sem esforço e dedicação porque “[...] na frente da prosperidade colocaram o suor os deuses imortais, e longa e íngreme é a estrada para ela, (290) e espinhosa no início; quando chega-se ao alto, em seguida já é fácil, por difícil que seja” (HESÍODO, 2012, p. 93).

E é nessa toada que a inflexão se completa e Hesíodo apresenta uma nova forma de conceber o trabalho. Esse é o ápice do processo de transição do discurso mítico-religioso (no qual o trabalho é o castigo infringido ao homem pelos deuses) em direção à racionalização do cotidiano e das ações humanas. Essa nova forma de conceber o trabalho o liga à conquista da honra e da riqueza, em outras palavras ao sumo bem.

O trabalho não é nenhuma desonra; desonra é não trabalhar.
E se trabalhares, logo o ocioso procurará igualar tua riqueza: ao rico acompanham mérito e prestígio.
Qualquer que seja tua fortuna, trabalhar é preferível, se o teu louco espírito dos bens alheios (315) desvias para o trabalho e atentas para a subsistência, como te ordeno (HESÍODO, 2012, p. 94).

Na sequência do poema, Hesíodo apresenta algumas exortações que antecipam os mandamentos cristãos. Dentre elas a de que não se deve roubar ou cobiçar, de que se deve respeitar os outros, defender os órfãos e outros direcionamentos para a criação de valores sociais e políticos. Ainda nessa seção, Hesíodo dedica-se a tratar das relações sociais, em especial da família. Trata da escolha dos amigos, dos vizinhos e dos parceiros de trabalho.

Deve-se ter presente que a noção de trabalho em Hesíodo não pode ser confundida com o que hoje entendemos com o termo. A palavra grega *erga* designa acima de tudo os trabalhos agrícolas, tema que irá ocupar a seção mais longa das orientações. Hesíodo apresenta um Calendário Agrícola, composto por uma série de descrições sobre como trabalhar a terra seguindo a observação da natureza e respeitando as características de cada estação do ano.

Mesmo nessa altura do poema, as divindades ainda continuam a exercer sua influência sobre os homens, mas o sujeito de toda e qualquer ação passa a ser o próprio homem que trabalha. Desse

ponto de vista, pode-se afirmar que o trabalho passa a ser um princípio ontológico. Hesíodo já não faz mais um “ode ao trabalho”, ele se dedica a apresentar princípios práticos, ações que deveriam ser praticadas e outras que não deveriam ser aceitas. Nesse ponto, emerge outra vez o tema da justiça, uma das principais temáticas de *Os trabalhos e os dias* e que depois ocupará um espaço importante na literatura grega. Para Hesíodo, somente quando a justiça é administrada sem distorções que o trabalho é compreendido adequadamente.

Tal visão implica que a justiça deve ser antecedida por uma vida reta e que respeita as convenções sociais. Talvez seja por isso que o poema se desenvolve com a apresentação de uma série de práticas desaconselhadas; há lições sobre higiene, saúde e segurança dentre outras.

Evita mijar de pé voltado para o sol, e lembra-te, desde o ocaso até o amanhecer, de não urinar no caminho nem fora dele ao caminhares, nem completamente nu: as noites pertencem aos bem-aventurados. (730)

Agachado o faz quem é homem religioso, conhecedor do que é sábio, ou aproximando-se do muro de um pátio bem cercado (HESÍODO, 2012, p. 94).

Ao final, na seção sobre os dias, Hesíodo faz sérias exortações e organiza uma espécie de calendário no qual descreve o que deveria ser realizado a cada dia do mês. Ele faz uma lista de ações que deveriam ser cumpridas a cada dia. Desse modo, sem ao menos mencionar o termo trabalho, Hesíodo demonstra como as ações cotidianas do homem, isto é, o ato contínuo de trabalhar, garantem a conquista de uma vida confortável e próspera.

Às vezes um dia é madrasta, às vezes mãe. (825)

Feliz quanto aos dias e próspero aquele que, isso tudo sabendo, trabalhar sem ofender os deuses, tomando às aves auspícios e evitando transgressões (HESÍODO, 2012, p. 143).

Pode-se afirmar com segurança que para Hesíodo a religião, enquanto relação do homem com os deuses, e a razão não se excluem mutuamente. Ao contrário, complementam-se. A crença e as práticas religiosas presente nos versos do poema não são um entrave que impedem Hesíodo de observar a natureza; ao contrário, ele demonstra que o homem tem a capacidade de observar a natureza com um olhar objetivo e isso fica evidente em suas descrições sobre a passagem do tempo e do comportamento dos animais.

A observação da passagem do tempo e sua relação com a natureza fez com que Hesíodo, mesmo mantendo um discurso exortativo sobre o respeito aos deuses, passasse a apresentar indicações práticas para a organização da vida cotidiana. Esse é um indício do processo de racionalização que fortalece o movimento de passagem do discurso mítico-religioso para a racionalidade. Tal perspectiva pode ser exemplificada na exposição sobre o uso da madeira, onde

descreve desde a época do ano correta para o corte e como aproveitar ao máximo a partir de cortes antecipadamente planejados.

Quando arrefece a intensidade do sol brilhante, seu ardor que faz suar, quando chove no outono (415) Zeus poderosíssimo, e muda a tez dos mortais, agora bem mais aliviada (pois é então que a estrela Sírius sobre as cabeças dos humanos que comem e morrem passa apenas por curto período do dia, e tem maior parcela da noite), então a madeira cortada pelo ferro fica mais livre de caruncho, (420) as folhas derramam-se pela terra, cessam os brotos. Então, lembra-te, corta árvores, trabalho da estação. Pilão de três pés corta, pisão de três braços, eixo de sete pés: assim com certeza é adequado. Se cortares um madeiro de oito pés, dele farás também um martelo. (425) Corta uma roda de três palmos para uma carroça de dez, e muitos pedaços curvados; se encontrares um em formato de teiró, leva para casa – procura-o na colina ou no campo, de azinheira, que na verdade é a mais forte para arar com os bois, quando um servo de Atena a fixa no dente (430) com pregos e, ajustando, acopla ao timão.

Faz dois arados, trabalhando em casa, um com teiró de formato natural e outro montado — assim é bem melhor: se quebrares um deles, atrelarás aos bois o outro.

De loureiro ou olmo são os timões mais resistentes ao caruncho, (435) de carvalho o dente, de azinheira a teiró. Dois bois de nove anos adquire, pois sua força não é fácil de abater, estando na flor da idade: são os melhores para trabalhar (HESÍODO, 2012, p. 106-107).

Hesíodo repete o mesmo tipo de estrutura de reflexão e organização da ação ao tratar do cultivo, da navegação, da alimentação do homem que trabalha e sobre outros temas práticos da vida. Uma vez que o poema é direcionado ao irmão Perses, as indicações de como trabalhar, de como viver do próprio esforço são complementadas com outras admoestações. Dentre elas estão aquelas de convívio social. As relações sociais são um tema recorrente, pois existindo duas lutas (modos de vida) Hesíodo considerava prudente perscrutar os vizinhos e tomar cuidado com a índole dos mesmos.

O mau vizinho é penoso, tanto quanto o bom é grande proveito: tem sua parte de honra quem tem por sorte um vizinho nobre, nem um boi se perderia se não fosse um mau vizinho.

Deves medir bem o que emprestas do vizinho, retribuir corretamente com a mesma medida e, se puderes, mais, (350) para que tenhas com quem contar caso mais tarde necessites (HESÍODO, 2012, p. 98).

A racionalidade que emerge dessas indicações do cotidiano faz-se presente na engenhosidade humana e na elaboração e produção de equipamentos e ferramentas que tornam a labuta diária menos penosa. As indicações de Hesíodo racionalizam o trabalho de modo que o castigo dos deuses se tornam nos hábeis versos do poeta beócio um caminho para a conquista da honra, de uma vida boa e das bênçãos divinas. Um caminho para a restauração da raça, um processo histórico pelo qual o homem e a humanidade são refinados até que retomem a condição de raça de ouro e reencontrem a possibilidade de viver, na terra, como deuses.

Considerações Finais

A leitura metódica e hermenêutica do texto de Hesíodo permite analisar como elementos característicos do período mitológico, como a concepção de mundo mítico-religiosa, presentes nas cosmogonias e teogonias, começam a dividir espaço com narrativas e análises sobre o cotidiano em transformação. A análise do poema permitiu dividi-lo em duas seções, uma onde predomina o discurso mítico-religioso e outra na qual predominam as indicações práticas extraídas da observação do cotidiano. Ambas foram escritas tendo em vista um problema de ordem prática vivido por Hesíodo: a contenda com o irmão na partilha da herança paterna.

O poema *Os trabalhos e os dias* tem como pano de fundo a transição de um tipo de sociedade agrária, baseada no trabalho coletivo e colaborativo, responsável por forjar a honra do homem, para uma sociedade urbana, estruturada sobre novas formas de relações sociais nas quais a esperteza, a ganância e a busca por benefícios individuais se sobrepõe a preocupação com a coletividade. É este aspecto que diferencia Hesíodo de seu antecessor Homero.

As atitudes de Perses são contrapostas por meio dos mitos e pela fábula do falcão e do rouxinol e recriminadas na medida em que Hesíodo apresenta a ética do trabalho. Este é o ponto de inflexão no qual a concepção de mundo mítico-religiosa começa a ceder espaço para a racionalização das ações humanas em direção a um fim determinado. Para isso o discurso mítico é apresentado a partir dos seguintes mitos: as duas raças, Prometeu e Pandora e as Cinco raças.

Hesíodo usa os mitos, isto é, a concepção de mundo da época na tentativa de convencer o irmão do erro de suas escolhas. Por isso apresenta a luta louvável, mediada pelo esforço e pela busca por justiça. Ao retomar a saga de Prometeu e Pandora, enfatiza que mesmo diante da fúria dos deuses contra os homens, o castigo imposto pode servir como instrumento de redenção e conquista da honra, tornando-se um meio de restaurar a dignidade humana perdida com a decadência dos valores humanos.

Ao chegar a este ponto, a justiça já não é mais apenas divina, ela depende das escolhas dos homens, inclusive dos juízes. Hesíodo defende o princípio de que o ser humano deve escolher dentre as duas lutas (modos de vida) a mais louvável. Mas isto requer planejamento, previsão de futuro e sabedoria nas escolhas. O mito de Prometeu e Pandora era claro: os deuses ludibriam os homens e são vingativos, desejam que a humanidade padeça.

Diante disso, o poeta apresenta uma inflexão que não extingue a concepção de mundo mítico-religiosa e a crença. Mas se os deuses são os guardiões da justiça que delegaram aos homens o exercício das sentenças, cabe aos homens se tornarem capazes de realizar bons julgamentos. Nesse ponto, a sobrevivência humana passa pelo trabalho, pela produção material dos meios necessários

para a sobrevivência. É nesse ponto que o alerta de Hesíodo ao irmão, de que uma vida honesta e honrada não é uma vida cômoda, repleta de prazeres e regalias, racionaliza a vida penosa, pautada no esforço depreendido pelo homem todos os dias para assegurar os meios de sua existência.

A racionalização passa pela capacidade humana de observar a natureza e de operar sobre ela. Por isso Hesíodo apresenta um conjunto de indicações sobre o cultivo da terra, a navegação, o cuidado com o tempo e as estações do ano. Em suma, o futuro não pode ser deixado nas mãos dos deuses, por isso é necessário planejar as ações, observar a natureza e criar mecanismos de garantia da subsistência. Esse movimento incessante que se estabelece como novo padrão da vida, uma vida pautada pelo trabalho e no qual a justiça, embora iluminada pelos deuses, é consequência da ação dos homens.

Por isso, o poema *Os trabalhos e os dias* pode ser considerado uma narrativa única que, inserida no período arcaico, foge aos moldes da produção literária da época, dedicada aos feitos dos deuses e dos heróis. Hesíodo olha para a vida cotidiana, a vida sofrida no campo e sistematiza um conjunto de indicações práticas com vistas à organização e produção da existência que se revelam um ensaio educativo, com vistas à formação humana para superar a dependência da vontade dos deuses. Ainda que tenha fugido aos moldes do período, a racionalização operada por Hesíodo não inviabilizou a crença nos deuses, nem suprimiu ou superou a concepção mítico-religiosa de mundo.

Hesíodo ressignificou o conceito de trabalho e o apresentou como a ação do homem sobre a natureza, com o objetivo de dominá-la e transformá-la em benefício da humanidade. Essa mudança conceitual permite apreender como as tensões entre a concepção mítico-religiosa de mundo e a defesa da justiça realizada por Hesíodo escapam das caracterizações do período e apresentam indícios daquilo ainda estava para se consolidar como a racionalidade filosófica. A ressignificação da noção de trabalho, pensada racionalmente em oposição aquilo que era apresentado pela concepção de mundo mítico-religiosa, coloca Hesíodo na gênese do processo de transição para o discurso racional sobre o homem, sobre suas ações e sua relação com a natureza, isto é, daquilo que ficou conhecido como o nascimento da filosofia.

Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 2 ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

ADRADOS, F. R. *La composición de los poemas hesiódicos*. **Emerita – Revista de lingüística y filología clásica**. Madrid. v. 69, n. 2, p. 197-223. Jul./Ago. 2001.

CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: Unesp, 1999.

- CHAUÍ, M. **Introdução à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: Companhia das letras, 2002.
- ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- FOLSCHEID, D.; WUNERBURGUER, J.-J. **Metodologia filosófica**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- GOERGEN, P. De Homero e Hesíodo ou das origens da filosofia e da educação. **Pro-Posições**, Campinas, v. 17, n. 3, p. 181-198. Set./Dez. 2006.
- HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**. Edição, tradução, introdução e notas de Alessandro Rolim de Moura. Curitiba: Segesta, 2012.
- HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**. Introdução, tradução e comentários de Mary de C. N. Lafer. 5 ed. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- HESÍODO. **Teogonia: a origem dos deuses**. Estudo e tradução de JaaTorrano. 7 ed. rev. e acrescida do original grego. São Paulo: Iluminuras, 2007.
- HUISMAN, D. **Dicionário dos filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- JAEGER, W. **Paideia**: A formação do homem grego. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- KRAUSZ, L. S. **As Musas**: poesia e divindade na Grécia Arcaica. São Paulo: EdUSP, 2007.
- LAFER, M. de C. N. Introdução. In: HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**. Introdução, tradução e comentários de Mary de C. N. Lafer. 5 ed. São Paulo: Iluminuras, 2006. p. 11-18.
- LLOVERAS, M. A. C. Introducción. In: HESÍODO. **Poemas Hesiódicos**. Ed. de M. Antonia Corbera Lloveras. Madrid: AKAL, 1990. p. 9-35.
- LUZURIAGA, L. **História da Educação e da Pedagogia**. 19 ed. São Paulo: Ed. Nacional, 2001.
- MANACORDA, M. A. **História da educação**: da Antiguidade aos nossos dias. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- TORRANO, J. Mito e verdade em Hesíodo e Platão. **Letras clássicas**. São Paulo, n. 2, p. 11-26, Jul./Dez., 1998.
- TORRANO, J. O mundo como função de musas. In: HESÍODO. **Teogonia: a origem dos deuses**. Estudo e tradução de JaaTorrano. 7 ed. rev. e acrescida do original grego. São Paulo: Iluminuras, 2007.
- VERNANT, Jean P. **As origens do pensamento grego**. Rio de Janeiro: Difel, 2002.